

O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

Domingo 14. Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta 52.^a SERIE
14. Typ. a 1\$000 réis por uma serie de 5 numeros N. 246

O MEIRINHO.

Fortaleza, 14 de Agosto de 1881.

A IDEIA DA LIBERDADE.

Ha dous movimentos espontaneos no espirito do homem, que sente extricta necessidade em manifestar-se, e sedo ou tarde vèem sordir ao seio da sociedade, como o movimento repentino a uma erupção encandecente.

Estes dous phenomenos psicologicos se caracterizam na liberdade e na reivindicação dos direitos conculcados; o primeiro é espontaneo e natural, como as evoluções das erupções vulcánicas, e descrevem a eypse inferna em torno da estrella luminosa que serve de base ao systema; as vezes seo movimento é rapido, vertiginoso, segundo elementos multiplices que se congregam para sua manifestação franca e decedida; o segundo é sempre uma reacção potente e animosa que faz abraçar o espirito em seo mais forte delirio e tem o pudor enquebrantavel da corrente impetuosa, que derriba em sua passagem os castellos circulares e trans-torna na face do mundo, como o pellefeito do enorme cataclisma.

Este facto appreciado é a revolução dos povos.

Assim a humanidade marcha no estado de evolucionario e revolucionario e destas forças em execução, brotam — o progresso e o futuro dos povos civilisados.

Hoje assignala-se a epocha da revindicação do direito do homem, aquem a tyrania tirou a liberdade, e isolou-o de toda natureza; porque a liberdade não é o facto sómente em si; porém sim, a natureza em sua maior complexidade.

O Brazil, hoje retrata em seos Céos vastos e anilados a effigie santa da liberdade, e quer transformar o escri-

vo — o homem proscripto de todos os bens da terra, o cidadão formado das grandes lides sociais no exercicio de todas as suas faculdades.

O Ceará — Pensylvania d'America, tem comprehendido bem, satisfactoriamente a sua missão, e de accordo com o direito e a razão, exerce a sua revolução pacifica e libertadora.

LITTERATURA.

NÃO SOU POETA.

(SATYRA.)

Por Ignório.

Oh! que subita emoção,
Quando descobri o monte!
Quasi dei en' o chão na fronte
A luz de tanto clarão!
Os olhos puz ante a mão
Para vêr... que ego estava!
A cada passo que dava
Tropeçava, ta de ventas,
Qual em meio das tormentas
Barco que não governava!

Quasi a cair, manco, penso,
Finalmente ao portão chego;
Na lyra um murro pespego
Por sentir cansaço immenso
Devido ao seo peso denso;
Nem mesmo fallar podia!
Qu'interesse me faria
Commetter tal desatino?
Só mesmo esse amor supino
A tanto me impelliria!

Nem bati: pelo portão
Tentei a esmo me enfiando;
No sólo fui me assentando,
Deitando a lyra no chão...
Então já doce clarão
Foi-me a vista esclarecendo;
Já fui mesmo percebendo
O que em torno a mim se achava,
E vi que sosinho estava

N'um rico e vasto salão.

Levanto-me e vou entrando
Pelo sagrado aposento,
E do Apollos ao alto assento
Pelos degrãos vou trepando...
Eis que o Deos o sceptro alçando
Do throno abaixo me atira!
Cahi por cima da *lyra*,
Que em cacos toda se fez...
E de bater-me outra vez
Bem desejoso o sentira!

Ah! que se o pilho mais perto
Uns testes lhe tenho dado!
Porque par'um malcreado
Só outro havendo, de certo;
Mas do baque já desperto,
Os cacos que fui achando
Da *lyra*, fui lhe atirando,
Que se acerto... era defunto...
E a cada tiro pergunto
Se d'aquillo ia gostando!

Vê-se o Deos atrapalhado
Já medroso e muito afflicto,
Dá de garras n'um apito,
E n'esse assopra apressado;
Eis que surge apressurado
De moças um turbilhão!
Ao vel-as, meo coração
Fuz-se em tantos que...
Que lindas caras aquellas,
Que vi n'essa occasião!

Cabellinhos annellados,
Louros da côr do caju,
Labios da côr do uruçú,
Pés e mãos mui delicados,
Rostos redondos, corados,
Olhos verdes scintillantes,
Lindos seios palpitantes,
Collo esbelto e cinta breve,
Vestidos da côr da neve...
Que coisinhas excitantes!

Formarão-se em torno a mim
Aquellas formas d'archanjos:
Julguei-me cercado d'anjos,
Que nunca vi gente assim!
Perguntarão-me a que fim
Aquelle monte buscava;
Respondi-lhes que almejara
Ser poeta, e n'esse intento
Buscava o sacro aposento
Do Deos, que as Muzas mandava.

« Ser poeta!... Eu já sabia.
« Diz o Deos muito azogado,
« Deve ser examinado »
Para as mocinhas disia:
Eis já se me conduzia
Para um quarto muito interno...

Antes quisera no inferno
Cahir n'aquelle momento:
Soffrera menor tormento,
Que das Muzas d'entre o terno!

Lá me endagão se sabia
Com desembaraço lér,
Se já sabia escrever,
Se grammatica regia,
Se dera philosophia,
Se conhecia as figuras
Da rhetorica, as pinturas,
Se a arte havia estudado
Do poetico tractado,
E as musicas partituras,

Se a historia tinha lido,
Se apreciava a comedia,
Se analysava a tragedia,
Se dansa havia aprendido,
Se havia comprehendido
Dos astros o labyrintho,
Se ao poeta mais distincto
Eu já tinha conversado...
Fiquei tolo embasbacado
Com taes perguntas, não minto!

Respondi que ignorava,
Depois que um folego tomo;
Nem mesmo sabia o como
Tanto se me perguntava!
Pois mesmo pasmado estava
De vêr tao grande receio...
Que com outros, como creio,
Não tem sido observado,
Pois com geito e com agrado
Fazem d'aquillo recreio...

(Continúa.)

MOTTE.

D.

Al, sorri, melga creança;
Deixai minh'alma chorar.

GLOZA.

Qual a navem que não cansa,
Resvalando sobre o cêo,
E puro o sorriso teu;
Al, sorri, melga creança...
Quando da tardinha a trança
Val teu riso assandalar,
Nem houves o arquejar
De meo peito entrestecido!
Oh! puro arginho querido,
Deixai minh'alma chorar.

Sist.

ALBUM DA CRITICA.

Meninas da praia, se V. Exc.^a querem se exceder tanto nos seos tão porcos namoros, deixem para as horas mortas da noite, que é sempre quando apparece os objectos catigosos; assim *cuma* miolos de tripa de soldado, &c. &c.

Pobre velho! se não fosse a forte molestia que tanto o ataca, duvidamos que houvesse tanto *pão queimado nas leberedas* do amor.

Por causa dos transeuntes.

§

Consta-nos que está para chegar do sul uma actriz mandada contractar pelo nosso João Coelho, para a sociedade « 23 de Outubro »; não vá sua mercê desprezar a moça... depois nem 23 e nem 24.

Por causa da amolação.

§

Consta-nos que a Maroca *saudade* está basofinando largamente com o homem grande... já se falla d'isso até pela rampa do Passeio Publico.

Olhe, Maroca, que aquella *aragem* d'ali não é muito agradável?

Por causa do gaz.

§

Lulú do Salles é *coquet*, que só nos parece um *muê*!

Deixe-se d'isso negro do barão, o rapaz é serio; não offenda os melindres desmelindrados do moço.

Ora, quando João bonitinho namora; porque tambem não pôde o Lulú dar sua lapida?

Por causa do gasto.

§

As tangonheiras da Formosa rua, depois que comeram os *biscoitos* do dinheirudo, têm tomado uma presumpção dos seiscentos canudos da tia Maria! Digo como isso Mosquito doído: o mundo *éste* de quem não quiser, embarque para o Livramento, para botar buchinho com os passeios meia-noiticos.

Por causa da estribeira.

§

Não costume, meo charo... mande o chapéo do outro; pois está inteirando dous mezes.

Ora, que sujeito sem verniz no fucinho!

Quem lh'o ensinou esse officio, meo amigo? Seria o capachado Delermendo?

Não queremos declarar o seo nome; por conseguinte, mande o chapéosinho e depois nos pessa a desculpa necessaria.

Por causa do Quinca.

§

O ex-conductor Barros, hoje gerente, (por infellicidade) da companhia — ferro carril, tem mostra que no rol dos calçados á ferro, é um grande!

Basta de pedantismo, mestre sen-deiro-em ponto grande.

Leitores, estes sujeitos que aqui chegam sem eira nem beira, querem fazer dos Cearenses torno para pendurar seos arreios!

Barros, não continue... Olhe, ainda voltaremos.

Por causa da sella.

§

Os assignantes d'este periodico, ou estão com febre ou o Zé Geraldo lhes cochichou nas regiões das ouças; por que tanto custo para pagarem as suas assignaturas assim, nunca vimos!

Está bem, bazeiro o nosso Official de Justiça; se não mandarem os santos, supponmos que se agachará no retiro espirital, como o fez o Xico Leonardo, depois dos grandes peccados que commetteo *sub' las pralhas*.

Não, meos amigos, mandem a erva e depois deixem o povo se *esfarinhar* para nosso lado.

Por causa dos melões.

§

Lulú do Salles, como vai com a sua empanturrada, *desenchabida*, bem?

Falle, Lulú; se não estamos lhe chamando *doltores*, o lhe perguntando pela sala.

Por causa do medo.

§

Canta bem V. Exc.^a sinha qualquer coisa da rua da Boa Vista; mas porquê não cantamos, nem nós nem os seos vizinhos, d'este negocio de cantoria até alta noite; bem sabe que de dia só dormem os preguiçosos como V. Exc.^a; por conseguinte, basta de lambugem.

Escutou nosso conselho, sluba cantora? se não escutou, voltaremos mais logo.

Quem me avisa, meo amigo... Diga o resto.

Por causa do Janjão.

§

Pede-se a certo negociante da cidade do Aracaty, com loja na rua do Piolho, ou Prascres, que trate de suas obrigações, e não procure faltar de certas pessoas, que estão acima de S. S.^a e também não detrate tanto da vida privada; do contrario descobriremos a sua noventa biographia, e passará pelo dissabor de ver o seu nome estampado nas columnas do *Meirinho*. Isto é, pelo *brando*.

Voltaremos ao assumpto.

Por causa do Fortunato do Piolho.

§

Pede-se ao Sr. E. Mudo, que não incomode tanto ao publico, e aos transeuntes, com seus berros, annunciando espectáculo do Itaviana, pelo modo seguinte: — *Aveniz — dê — ton — pita — dê — ton — tour — tou — dê — ton*. — Ora isso, com effeito, é um absurdo, em uma cidade importante como se diz o Aracaty.

Seo mudo, deixe-se de porqureira.

Chamamos a attenção do digno delegado desta cidade para que lance suas vistas sobre este infeliz mudo.

Voltaremos.

Por causa do desfucinhamento.

GALERIA DO POVO.

É com o governo.

Não se pôde ter negocios com o governo; quando não se fica lesado por alguma coisa por parte da fazenda; ha uma demora em satisfazer-se os pagamentos das contas, de maneira a prejudicar o particular que chega a lhe caber nas unhas, já ninguém quer negocio em que o governo tem de figurar; porque afinal é leseira certa.

Assim é que garantidas por soracaps nas Grandes Loterias do Imperio; é o resultado das vendas dos bilhetes entregue não sei a quem nem para que, ficando os compradores no **VEIÃO SÓ!!** sem cobres e sem esperanças de um resultado qualquer; pois que, primeiro que esse dinheiro, posto em giro dê um resultado satisfactorio, para correr a Loteria, tem pi neutra.

E fallam em tal quando os homens das pastas são os primeiros a desrespeitá-la.

Este povo é composto de beócios; a não ser assim, já teria atirado com a carga ao lado e trovejado o coração do negro, quando não fosse acompanhado pelo de chumbo.

Está direito e pôde crer.

†

Pôde haver no mundo um *typo* enfiado, ignorante e mestre cavallo, porém mais do que o celebre Antonio Pinta — duvidamos.

Quem vê-o e não conheça-o ou não tiver trato algum com elle — julga-o um figuração, pela sua *alta prosopopeia*; porém se vê-o de perto... calhe aos vomitos, de enjoado de tanta aspreza amalgamada com a ignorancia e orgulho lofo.

O que entende este pintado?!

A maior desgraça n'este mundo, leitores, é a gente não se conhecer.

Tome nota seo pintadinho.

†

Ka pechincha!

O Zé geraldo da macaca, dizem que contratou com trezentos presos da cadeia a 1\$500 réis, por cabeça, para hirem cumprir a sentença nos lugares d'onde commetterão o crime.

Consta que já mandou de uma forçada 6 e o resto estão se apromptando.

É bom, que o Dr. chefe de policia saiba disto pelo melhudo, e o escrivão do jury previna-se.

Caldo de boi capado e leite de ema e cuspo de ganço, nunca fez mal a ninguém.

La isto é.

ULTIMA HORA.

Ficamos surpreendido, quando lêmos em um dos diários desta capital, que tinha sido nomeado Intendente do segundo districto, Leão Sousa, porque foi demittido de alferes do corpo policial a bem do serviço publico ou forçado a pedir-a, por não desempenhar o lugar.

A autoridade que o fez Intendente, pôde limpar as mãos a parede.

No numero seguinte deste jornal, dar-se-ha começo aos seus bons feitos ou corpo de delicto, como empregado publico.

Homens grandes e pequenos, acatela-vos do Intendente, Leão Sousa.

Ceará.—1881.—Typ. Americana.—Impresso por T. E. de Almeida.